

A organização de reparo é recurso do qual os participantes da fala-em-interação se valem para superar problemas de escuta, produção e compreensão que põem em risco a intersubjetividade, isto é, a convergência de entendimentos para a ação conjunta. Dentre as quatro principais trajetórias sequenciais de reparo descritas na literatura (LEVINSON, 1983; HUTCHBY & WOOFFIT, 1998), está o reparo iniciado e levado a cabo pelo outro, doravante RILCO, que muitas vezes é equiparado à ação da correção e que teve seu pertencimento à organização do reparo questionado por Macbeth (2004). A proposta do autor se sustenta na observação, feita anteriormente por Schegloff, Sacks e Jefferson (1977), de que, se o interlocutor foi capaz de entender o que o falante disse a ponto de poder identificar e solucionar um problema, não haveria obstáculo ao entendimento, tratando-se, portanto, simplesmente da ação de corrigir o outro, não de reparo. Contudo, Macbeth se limita ao exame de ocorrências do fenômeno em sequências interacionais típicas de sala de aula –Iniciação-Resposta-Avaliação (IRA)– em que a produção de correção faz parte da meta interacional por princípio. Após análise de dados em conversa cotidiana que corroborou a posição de Macbeth, (KANITZ, LODER & GARCEZ, 2009), voltamos nosso interesse ao (re)exame da questão a partir de sequências de fala-em-interação de sala de aula tidas até recentemente por nós como RILCO. Porém, diferentemente de Macbeth, focamos em contexto sequencial distinto de IRA para verificar se a posição do autor ainda assim se sustentava. Neste trabalho, ilustramos a nossa revisão da questão pela reanálise de uma ocorrência apresentada anteriormente como RILCO (SALIMEN & CONCEIÇÃO, 2009). Concluímos que, também para sequências interacionais de sala de aula em que IRA não ocorre, reparo e correção são domínios organizacionais distintos, corroborando, de outra perspectiva, a posição de Macbeth.